



COSTURANDO INFÂNCIAS: FIOS DA CULTURA INFANTIL DE PAULO AFONSO-BA

SILVA, Leiliane Maria Melo da¹
CAVALCANTE, Gicelma de Oliveira²³

Grupo de Trabalho (GT): Infâncias, Juventudes e Processos Educativos.

RESUMO

O estudo emerge das experiências vividas em um projeto de extensão universitária que teve como foco a infância em Paulo Afonso-BA. A pesquisa, de caráter qualitativo, buscou compreender como as memórias e práticas culturais infantis se expressam na cidade, valorizando as vozes de diferentes gerações. Para tanto, optou-se pelo Relato de Experiência (RE) como tipologia textual, permitindo unir vivências, observações e reflexões teóricas. Desse modo, as narrativas revelaram que a infância pauloafonsina é permeada por práticas brincantes, espaços de socialização e lembranças que marcam a cultura local, mas também apresentam desigualdades e fronteiras sociais presentes ao longo da história da cidade. Os principais autores utilizados para fundamentar esta pesquisa foram Ariès (2019), Corsaro (2011), Qvortrup (2010) e Sarmiento (2003, 2008). Assim, o trabalho destaca a relevância de reconhecer a criança como sujeito ativo e produtor de cultura, capaz de ressignificar espaços, construir sentidos e contribuir para o desenvolvimento social.

Palavras-chave: Infância. Cultura infantil. Extensão universitária. Paulo Afonso.

INTRODUÇÃO

A infância, concebida como uma construção social e histórica, ocupa um lugar central na constituição da identidade e da cultura nas diversas instâncias da vida coletiva. Longe de representar somente uma fase cronológica do desenvolvimento humano, caracteriza-se como um território simbólico, no qual expressam modos de ser, viver e resistir. Além disso, trata-se, portanto, de uma experiência que ultrapassa marcos etários e demonstram sentidos estruturantes da existência humana.

Nesse contexto, a presente pesquisa corresponde a um recorte de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) concluído no ano vigente, cuja elaboração teve origem nas inquietações advindas durante a atuação da autora como monitora no projeto de extensão universitária “Memórias que Vivem – Infâncias que se Enlaçam: a história social das crianças de Paulo Afonso-BA”, desenvolvido no curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Campus VIII.

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Campus VIII. E-mail: leilianemelo.slv@gmail.com

² Mestra pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e Docente da Universidade do Estado da Bahia – Campus VIII. E-mail: gcavalcante@uneb.br

³ Na construção desta pesquisa, contou, adicionalmente, com a orientação da docente Laíse Soares Lima, da Universidade Federal de Alagoas – Campus Sertão. E-mail: laisesoareslima@hotmail.com





A partir desse percurso formativo, o trabalho propõe-se a problematizar as fragilidades ainda persistentes na concepção de criança enquanto sujeito social pleno e produtor de cultura. Com base nas experiências vivenciadas e nos saberes construídos ao longo das atividades extensionistas, foram formulados os seguintes questionamentos: quais as contribuições de um projeto de extensão universitária voltado à cultura da infância pauloafonsina para a formação de pedagogos? Como essa cultura se desenvolveu ao longo do tempo em diferentes contextos sociais e quais suas múltiplas manifestações?

Desse modo, com o intuito de responder a essas questões, a pesquisa parte da escuta de moradores locais e da curadoria de objetos infantis, buscando compreender as formas de expressão e resistência da cultura da infância em Paulo Afonso na Bahia. A proposta justifica-se pela urgência de práticas educativas sensíveis, reflexivas e comprometidas com as experiências infantis e suas contribuições para a sociedade.

Por conseguinte, o estudo busca ampliar a compreensão teórica sobre a infância e contribuir para a construção de saberes que reconheçam as crianças como sujeitos ativos na produção cultural e nas dinâmicas sociais, tanto nas interações com os adultos, quanto com seus próprios pares.

OBJETIVOS

O objetivo geral deste trabalho consiste em relatar experiências teórico-práticas-reflexivas sobre a história cultural da infância em Paulo Afonso-BA, tendo como eixo articulador as narrativas e o espaço de preservação de memórias produzidas em um projeto de extensão. Nesse segmento, buscou-se especificamente: a) analisar as concepções histórico sociais da infância e suas contribuições para a formação e atuação docente; b) situar historicamente aspectos da construção da cultura infantil pauloafonsina.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Durante o advento da modernidade, a infância passou a ser percebida como uma etapa distinta da vida, o que permitiu avanços significativos no reconhecimento dos direitos infantis e na constituição de espaços sociais voltados à infância, como a escola e a





educação formal (Molina; Santos, 2019). Entretanto, essa concepção não foi sempre predominante. Na idade Média, como aponta Ariès (2019), a criança era percebida como adulto em miniatura, sem diferenciação clara de papéis ou direitos. Desse modo, a noção moderna de infância, portanto, resulta de um longo processo histórico em que sentimentos ambíguos sobre as crianças coexistiam: de um lado, a idealização da inocência pela paparicação, de outro, o controle disciplinar e moralizador.

Conforme denota Magalhães e Magalhães (2019), a infância consolida-se como categoria social a partir da institucionalização de direitos, da escolarização e da criação de serviços específicos para o público infantil. Contudo, observa-se que essa consolidação ainda convive com a perspectivas adultocêntricas, que tendem a enxergar a criança como indivíduo limitante desconsiderando o protagonismo infantil (Friedmann, 2020). Em contrapartida, a Sociologia da Infância (SI) propõe uma abordagem que compreende a criança como agente social ativo, capaz de interpretar, transformar e produzir cultura a partir das interações em seu meio. Como afirma Sarmento (2008, p.3), “ao estudar a infância, não é apenas com as crianças que a disciplina se ocupa: é com efeito, a totalidade da realidade social o que ocupa a Sociologia da Infância”.

Nessa perspectiva, essa abordagem aponta uma criticidade a concepção tradicional de que as infâncias são marcadas por perspectivas biológicas e segmentadas do desenvolvimento infantil, que tendem a reduzi-las a etapas previsíveis baseadas em critérios de maturação (Sarmento, 2008). Em vez disso, propõe-se compreender a infância como uma categoria geracional e estrutural, ou seja, como uma posição social marcada por relações intergeracionais e por assimetrias de poder, status e acesso a recursos, conforme argumenta Qvortrup (2010). Embora as crianças dependam dos adultos em diversos aspectos, essa dependência não anula sua capacidade de participação ativa na vida social.

Nessa dinâmica, como aponta Corsaro (2011), a criança não é moldada pelos adultos, uma vez que contribui para a construção da realidade social por meio do que ele denomina Reprodução Interpretativa. Ao interagir com os pares, a criança transforma os conteúdos culturais recebidos e, assim, constrói significados próprios. É nesse sentido que Sarmento (2003, p.8) define a cultura da infância como o “reflexo mútuo entre as produções culturais dos adultos destinadas às crianças e as produções culturais geradas pela criança em suas interações com os pares”.





Ao investigar esse campo, compreende-se que a criança não deve ser vista unicamente como receptora de cultura, mas como sujeito produtor. Logo, as culturas da infância, são historicamente construídas e carregam as marcas das condições sociais em que emergem, refletindo contradições, desigualdades e possibilidades de resistência.

PROCEDIMENTOS ÉTICOS E METODOLÓGICOS

A presente investigação estrutura-se como um recorte metodológico do projeto de extensão universitária “Memórias que Vivem – Infâncias que se Enlaçam: a história social das crianças de Paulo Afonso-BA”, desenvolvido no período de maio a dezembro de 2023. Desse modo, consiste em um estudo de natureza qualitativa, por permitir a análise e compreensão das interações sociais e culturais nas quais as crianças estão inseridas, considerando as subjetividades, percepções e significados atribuídos pelos sujeitos envolvidos.

Em consonância com os pressupostos da **abordagem qualitativa**, buscou-se explorar o universo simbólico dos participantes, considerando valores, atitudes, crenças e práticas que não podem ser reduzidos a variáveis mensuráveis (Minayo, 2001). Portanto, o foco da pesquisa concentrou-se em duas etapas específicas do projeto, que diz respeito às entrevistas realizadas com membros da comunidade pauloafonsina, que abrangeram diferentes faixa etárias da comunidade, desde crianças de 08 anos até idosos entre 65 e 70 anos, permitindo um olhar intergeracional sobre as experiências infantis.

Nessa perspectiva, adotou-se o **Relato de Experiência** como a tipologia textual do Trabalho de Conclusão de Curso, por configurar-se como uma forma descritiva, reflexiva e crítica de expor as vivências concretas ocorridas no âmbito do projeto de extensão universitária. Assim, a escrita neste formato possibilitou articular a experiência próxima⁴, evidenciada pela escuta sensível e pela convivência com os sujeitos, com a experiência

⁴ A noção de experiência próxima refere-se à vivência concreta, situada e subjetiva do sujeito em seu contexto sociocultural, abarcando os significados que ele próprio atribui às situações cotidianas (Mussi; Flores; Almeida, 2021).





distante⁵, manifestada na reflexão analítica fundamentada nos estudos da Sociologia da Infância e da metodologia qualitativa.

Assim, as técnicas complementares de coleta e análise de dados, consistiram no uso do diário de campo e a análise temática das narrativas. A sistematização dos dados fora realizada por meio da categorização dos conteúdos emergentes, articulando-os a referenciais teóricos da Sociologia da Infância e dos estudos sobre a cultura Infantil.

RESULTADOS

A partir das entrevistas identificou-se que a infância pauloafonsina constitui um campo de produção cultural diverso, permeado por memórias, territorialidades e práticas brincantes específicas da região. Desse modo, as narrativas dos sujeitos revelaram brincadeiras como tacobol, pular corda, pega-gelo e cada macaco no seu galho como expressões significativas da cultura lúdica local, ainda presentes, embora ressignificadas pelas transformações sociais e espaciais da cidade.

Essas práticas evidenciam que o brincar, entendido como linguagem essencial da infância, ultrapassa o simples entretenimento e se estabelece entre as crianças como uma forma de expressão, negociação e reinvenção da realidade. Corsaro (2011, p.33), observa que “[...] variações nas regras são possíveis e até desejáveis [...]”, o que evidencia o caráter dinâmico criativo dessas interações. Esses momentos de jogos se tornam verdadeiros espaços de socialização, nos quais objetos e espaços são transformados, ganhando novas funções nas mãos infantis, especialmente ao assumirem papéis como juiz, atacante ou “pegador”.

Além das brincadeiras, os relatos apontaram para a importância dos espaços públicos na constituição das culturas de pares, dado que locais como a Praça das Mangueiras, a Prainha e a Igreja de São Francisco, eram comumente citados como lugares de ressignificações infantis por se tratarem de territórios brincantes, ainda que originalmente não destinados a essa finalidade. Como argumenta Lopes e Vasconcellos (2006), a produção cultural das crianças está intrinsecamente vinculada ao ambiente em

⁵ Por sua vez, a experiência distante corresponde à elaboração analítica e teórico-metodológica dessas vivências, a partir de um olhar acadêmico reflexivo que visa interpretá-las de forma crítica (Mussi; Flores; Almeida, 2021).





que se inserem e às influências que dele derivam, assim, toda criança pertence a um contexto local específico que serve de base para o desenvolvimento dessas culturas.

Contudo, as memórias infantis também revelaram as marcas da desigualdade urbana e territorial em Paulo Afonso, em tempos passados. A separação entre o Acampamento Chesf⁶ e a Vila Poty⁷, bairros da cidade, pelo muro erguido até 1985, impôs fronteiras físicas e sociais que limitaram o acesso de várias crianças a determinados espaços da cidade, os quais eram destinados apenas aos funcionários chesfianos. Portanto, essa segmentação histórica reverberou nas narrativas como experiências de restrição, exclusão e resistência. Conforme Lefebvre (2001, apud Ribeiro Júnior, 2020), o direito à cidade deve ser compreendido como possibilidade de vivência plena dos espaços urbanos por todos os sujeitos, e não apenas pelos que detêm poder político e econômico.

Assim, os dados indicam que as culturas infantis pauloafonsinas são plurais, criativas e historicamente situadas, mas também atravessadas por desigualdades estruturais que condicionaram por um tempo, o acesso ao brincar e ao pertencimento urbano. A escuta atenta dessas narrativas revelou tanto o valor afetivo das culturas da infância local, quanto as contradições e tensões que compõem o tecido social da cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos a respeito da cultura da infância pauloafonsina possibilitaram a compreensão das interações infantis como expressões culturais plurais, historicamente situadas e marcadas por práticas brincantes, memórias e experiências territoriais. As narrativas revelaram que o brincar ocupa lugar essencial na construção das culturas infantis, funcionando como formas de socialização e desenvolvimento pleno da criança, além da ressignificação dos espaços urbanos.

⁶ O acampamento Chesf foi construído em 1948 e planejado pela Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (CHESF) como uma cidade-modelo destinada a seus funcionários, oferecendo infraestrutura moderna, moradias padronizadas, lazer e serviços, de modo a garantir qualidade de vida (Nascimento, 2019).

⁷ Localizada fora dos limites estabelecidos pela empresa, que cercava o Acampamento e impedia construções em suas proximidades. As casas foram erguidas de maneira improvisadas, em ruas sem estrutura adequada, revelando condições de precariedade em contraste com a vida organizada e planejada chamada “Cidade particular da Chesf” (Nascimento, 2019).





Logo, os resultados apontam para a relevância da escuta e valorização das vozes infantis na construção de saberes sobre a cidade, bem como para a importância de práticas educativas acadêmicas que reconheçam a infância e suas potencialidades.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2019.

CORSARO, W. A. **Sociologia da infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DIAS DOS SANTOS, J.; MOLINA, A. A. Infância e história: a criança na modernidade e na contemporaneidade. **Travessias, Cascavel**, v. 13, n. 1, p. e21603, 2019. Disponível em: <<https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/21603>>. Acesso em: 1 maio. 2024.

FRIEDMANN, A. **A vez e a voz das crianças: escutas antropológicas e poéticas das infâncias**. 1. ed. São Paulo: PANDA, 2020.

LOPES, J. J. M.; VASCONCELLOS, T. Geografia da Infância: Territorialidades Infantis. **Revista Currículo sem Fronteiras**. Niterói, v.6, nº 1, p.103-127, Jan/Jun. 2006. Disponível em < <https://biblat.unam.mx/hevila/CurriculosemFronteiras/2006/vol6/no1/8.pdf> >. Acesso em: 25/05/2025.

MUSSI, R. F. de F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021. DOI: 10.22481/praxisedu.v17i48.9010. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/9010> . Acesso em: 06 jun. 2024.

NASCIMENTO, Edvaldo Francisco do. Modernização e educação escolar no Nordeste Brasileiro: as escolas da Companhia Hidro Elétrica do São Francisco: Chesf (1949-2000). 2019. 439f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

QVORTRUP, J. A infância enquanto categoria estrutural. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n.2, p. 631-643, maio/ago. 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/M9Z53gKXbYnTcQV9wZS3Pf/>>. Acesso em: 02 abr. 2024.

SARMENTO, M. J. Culturas da infância: Interface entre o direito e o desenvolvimento. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, p. 4, 2003.

SARMENTO, M. J. Sociologia da infância: correntes e confluências. In: SARMENTO, M. J.; GOUVÊA, M. C. S. (org.). **Estudos da infância: educação e práticas sociais**. Petrópolis: Vozes, p. 17-39.

